

## O TEATRO DO/A OPRIMIDO/A E A EDUCAÇÃO POPULAR: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

MARINA XAVIER PAES<sup>1</sup>; FABIANE TEJADA DA SILVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas 1 – [marinazoe9@gmail.com](mailto:marinazoe9@gmail.com) 1

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas 3 – [tejadafabiane@gmail.com](mailto:tejadafabiane@gmail.com) 3

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho integra a pesquisa que venho realizando há um ano durante o curso de Pós-Graduação em Ensino e Percursos Poéticos na Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Participo do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO e, parto das experiências com esse grupo para alimentar o processo de escrita da monografia que se chamará: Teatro e Pedagogia do Oprimido na Formação de Professores de Teatro: Um Olhar a Partir do Projeto Teatro do Oprimido na Comunidade.

O teatro do Oprimido é um arsenal de técnicas teatrais, direcionadas a atores e não atores, que foi sistematizado por Augusto Boal no período da ditadura militar brasileira. O objetivo dessa poética é tratar de situações de opressão que acontecem na sociedade criando um ambiente propício para que os oprimidos e as oprimidas busquem juntos/as, através do teatro, caminhos possíveis para solucionar os problemas apresentados e, com isso, neutralizar os opressores/as.

Essa perspectiva nos leva direto para a dualidade Oprimido/a x Opressor/a nas relações sociais. O que Boal argumenta é que essa separação é construída no seio da própria sociedade que direciona os indivíduos partindo da ideia de que ou o sujeito é oprimido/a ou é opressor/a. Dessa forma, a única saída que se apresenta ao/a oprimido/a para se libertar de sua condição é tornar-se, de alguma forma, também um/a opressor/a. Isso, no ponto de vista macro, constrói uma máquina social de opressão da qual todos se sentem impelidos a participar.

No entanto, o que o Teatro do/a Oprimido/a propõe é que esses dois papéis (oprimido/a, opressor/a) não são os únicos que podemos desempenhar em comunidade. Podemos atuar de forma a nos libertar de opressões sem que para isso seja necessária uma inversão de papéis. Nessa perspectiva, tanto o oprimido/a quanto o opressor/a, faces da mesma moeda (às vezes da mesma pessoa), precisam tomar consciência de seu lugar na engrenagem opressiva para, em seguida, buscarem uma forma de se destacar dela.

Em termos práticos, o Teatro do/a Oprimido/a se apresenta como ferramenta para essa transformação na medida em que considera que, embora o teatro em si seja uma linguagem artística, a teatralidade é um fator inerente ao ser humano e à sociedade, por isso traz consigo um potencial transformador. Logo, Boal elimina a separação entre atores/atrizes e espectadores/espectadoras, criando com isso o termo “*espect-ator*”, ou “*espect-atriz*”. Isto é, todos somos

atores de nossas vidas e temos em nós o poder da ação transformadora. De ante disso, o “*espect.-ator*” ou a “*espect-atriz*” é apto/a para utilizar as técnicas do arsenal do Teatro do/a Oprimido/a como ferramentas para repensar sua própria realidade e traçar estratégias de ação para transformar e melhorar sua vida em comunidade. O autor explica mais sobre isso:

“O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos *espect-atores*. (...) A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, a essencial. Sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora e em todo lugar. Os atores falam, andam, exprimem ideias e revelam paixões, exatamente como nós em nossas vidas no corriqueiro dia-a-dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando essa linguagem, tornando-se com isso, mais aptos a utilizá-la. Os não atores, ao contrário, ignoram estar fazendo teatro, falando teatro, isto é, usando a linguagem teatral” (BOAL, 1998, pg. IX).

As ideias de Boal se relacionam claramente com as de seu contemporâneo Paulo Freire, criador da Pedagogia do/a Oprimido/a. Ambos falam sobre os problemas gerados pela segregação que uma classe de “privilegiados/as” infringe a uma classe de “desprivilegiados/as” que, através de suas carências são usados pela máquina opressora para gerar ainda mais privilégios aos já privilegiados/as. Essa segregação trabalha no sentido de desencadear, não apenas carências materiais mais, principalmente carências ideológicas. Vão se retirando do/a oprimido/a o acesso a ferramentas de leitura do mundo, reduzindo seus espaços de manifestação da própria cultura, apagando sua história (a fim de remonta-la na perspectiva do/a opressor/a) e, com isso, o/a oprimido/a perde sua voz e com ela se vão as possibilidades de mudança. Isso pode ser dito a partir da análise de que a transformação deste quadro desigual em direção à igualdade só acontecerá através da ação dos/as oprimidos/as, uma vez que o interesse dos/as opressores/as é que as coisas fiquem como estão e só caminhem no sentido de que se agravem ainda mais as desigualdades.

Boal e Freire são teóricos que colocam em suas propostas antes de tudo um posicionamento político. Com isso, assumem que teatro (no caso de Boal) e educação (no caso de Freire) são ações políticas essencialmente. Ninguém é inocente: cada palavra, ação ou posicionamento traz consigo uma ideologia, ainda que ela esteja encoberta ou sublimada. Com isso, eles falam sobre um “dever social” que precisaríamos assumir com a mudança e nos apontam na ação política um caminho possível para a transformação:

“As barreiras existem, mas elas não são pedagógicas e sim ideológicas. Isso é uma das expressões da ideologia dominante, na qual as classes populares são inferiores de nascimento, incompetentes de nascença. Isto é um absurdo, é ideologia mesmo. Não tem nada de científico, é fundamentalmente ideológico. (...). Há uma responsabilidade ética, social, de nós

todos, no sentido de tornar a nossa sociedade menos má. Eu costumo dizer que tornar o mundo menos feio é um dever de cada um de nós. Nem sempre este dever é percebido, e sobre tudo assumido. Se você me perguntar se essa é uma questão pedagógica ou política, eu diria que é política” (FREIRE, 1995, pg. 160).

A partir dessa perspectiva de utilizar a educação como ferramenta política para transpor as barreiras ideológicas impostas pelo sistema desigual, muitos movimentos e iniciativas se desenvolveram no Brasil. Uma delas, que em 2017 completa dez anos de existência, é a Rede Emancipa de educação popular.

Presente em sete estados brasileiros, a Rede Emancipa é fruto da iniciativa e do investimento de alunos e professores com o desejo de construir um cursinho pré-vestibular calcado nas ideias de educação popular. Para eles, o atual sistema educacional brasileiro reproduz desigualdades, naturaliza injustiças e condena estudantes de escolas públicas à subalternidade. Dentro dessa engrenagem, o vestibular é apenas uma peça responsável por separar aqueles que poderão ou não ter acesso a universidade a partir de critérios elitistas. Em busca de reduzir esse abismo social, professores (graduados ou universitários) oferecem voluntariamente aulas gratuitas para estudantes que desejam ingressar no ensino superior público. Sobre a relação do projeto com a educação popular Maurício Costa de Costa de Carvalho, Coordenador da Rede Emancipa, comenta:

“A educação popular que nos dispusemos a construir há uma década é, sobre tudo, a nossa maneira de fazer uma escolha explícita pela transformação social, pela ruptura do cerco que condena milhões de pessoas por sua cor ou condição econômica a ficar de fora da partilha do poder e do conhecimento que a humanidade produziu historicamente. Essa escolha implica em várias outras. Pedagogicamente estimular a argumentação e a crítica em detrimento da doutrinação e do dogmatismo; estimular a solidariedade em detrimento da competição e do individualismo; estimular a alegria do saber em detrimento da censura e do silenciamento.” (CARVALHO, 2017)

## 2. METODOLOGIA

Em Pelotas – RS, a Rede Emancipa arriscou seus primeiros passos no ano de 2017. As aulas ocorriam nas terças e quintas no turno da noite no bairro da Guabiroba em uma sala de aula cedida por uma escola pública. A turma contava com 20 alunos de 15 a 50 anos, todos eles decididos a fazer a avaliação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Através do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO) do Centro de Artes da UFPEl, tive a oportunidade de ministrar aos/as alunos/as da Rede Emancipa - Pelotas, em junho, uma oficina/vivência com duração de três horas partindo de 17 exercícios, técnicas e jogos do arsenal do Teatro do/a Oprimido/a.

As carteiras e mesas do espaço foram afastadas, o centro da sala foi ocupado nesse dia apenas pelos corpos dos alunos em movimento. A experiência começou com uma rápida exposição das problemáticas levantadas por Boal e se seguiu protagonizada pelos próprios participantes, que investiram sua energia para contribuir com o grupo e conhecer na prática como podem funcionar as ferramentas teatrais.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ação realizada me levou a refletir sobre a relação que existe entre os objetivos do projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade – TOCO e os objetivos do projeto Rede Emancipa de Educação Popular. Tais objetivos são comuns, pois ambos buscam realizar trabalhos educacionais na comunidade com o intuito de proporcionar experiências nas quais os alunos possam assumir o lugar de protagonistas de suas próprias histórias e assim, tomarem consciência de que precisam buscar alternativas para a transformação social. Ambos os projetos trabalham no sentido de minimizar os danos que o abismo social gera na educação brasileira.

### **4. CONCLUSÕES**

A Rede Emancipa, assim como outros projetos educacionais e artísticos no Brasil respondem as provocações feitas por Freire e Boal em busca de uma sociedade diferente, ou seja, mais humana e justa. Minha experiência na Rede Emancipa com o projeto TOCO fez com que eu percebesse na prática das pessoas envolvidas o poder que existe na movimentação social em direção de práticas transformadoras.

### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOAL, Augusto. “Jogos para atores e não atores”, 1998. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2008.

BOAL, augusto. “A estética do oprimido”, Rio de Janeiro, Graramond. 2009.

CARVALHO, Maurício. “Semeando um novo Futuro”. Revista de comemoração de dez anos da Rede Emancipa. 2017.

FREIRE, Paulo. “Pedagogia da tolerância” Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1995.